
FONOLOGIA DAS PARTÍCULAS: UM MODELO EM DUAS VERSÕES

Myriam Azevedo de Freitas*

1. Duas versões?

1.1. Intitulei esta comunicação "Fonologia das Partículas: um modelo em duas versões". A princípio pode parecer estranho, uma vez que não foram apenas dois os artigos que Schane, o autor da teoria, trouxe a público, e cada um desses artigos acrescentava sempre algum dado novo ao anterior. Julgo, entretanto, ser a alteração mais significativa sofrida pelo modelo sua inclusão no quadro analítico da fonologia auto-segmental, entendendo-se as partículas como forma de representação do conteúdo das unidades da camada segmental, em substituição aos traços.

1.2. O questionamento das representações fonológicas parece ser o fio condutor que permite associar as diferentes teorias fonológicas nas duas últimas décadas. Esse fio, porém, desdobra-se ao desviar-se da questão do nível de abstração para o da composição interna das representações e, em última análise, o questionamento do próprio segmento e do caráter unilinear de disposição dos elementos.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Se aquilo que denomino 'primeira versão da fonologia das partículas' preocupa-se com a estrutura interna do segmento, propondo seja concebida não como composta por traços binários não ordenados e, sim, por combinações de partículas ("elementos fonológicos primitivos"), por outro lado atém-se, ainda, a uma visão unidimensional ou linear da representação fonológica, de vez que supra-segmentais, como a duração, e informações referentes à estrutura e fronteira silábicas são representados numa única camada, quer em função de marcadores convencionais intercalados na sequência de partículas, quer pela própria disposição dessas últimas.

Em artigos mais recentes, contudo, Schane sugere uma abordagem multilinear ou auto-segmental da representação fonológica, transferindo para camadas hierarquicamente diferentes os dados sobre a duração e organização silábica dos segmentos. Propõe Schane que, na camada segmental, o conteúdo das unidades seja expresso por partículas (a - para abertura ou altura; j - para anterioridade ou palatalidade e u - para posterioridade ou labialidade), não importando a ordem em que ocorram, salvo que serão (i) sequenciais, no caso de ditongos; (ii) simultâneas, no caso de monotongos. Quanto às camadas superiores, aquela denominada CV conterá informações quantitativas - responsáveis pela distinção entre segmentos longos e breves bem como entre ditongos crescentes e decrescentes - e a outra, chamada silábica, responderá pelo número de sílabas.

2. A "Primeira versão"

2.1. Em comunicações anteriores propus-me examinar o alcance da proposta de Schane em face de dados do vocalismo português. Seleccionei, então, o período que se estende do início do século XIII, época em que surgiram os primeiros documentos em português, até ao século XVI, quando haviam já desaparecido as características identificadoras do português arcaico, e o sistema vocálico era já bastante análogo ao actual, apresentando valores fonéticos não muito diferentes dos de hoje. Durante a fase compreendida entre os séculos acima referidos, o sistema vocálico do galego-por-

tuguês, marcado por grande número de hiatos, provenientes muitos deles da queda de consoantes intervocálicas, sofreu uma série de alterações regulares que acarretaram a resolução dessas sequências vocálicas até ao século XVI, havendo sido acrescentados ao sistema três novos fonemas pretónicos ([ɛ], [ɔ] e [a]), um tónico ([ã]) e três ditongos ([ɛy], [ɔy] e [ɛw]).

2.2. A aplicação da "primeira versão" da teoria das partículas aos dados permitiu-me obter os seguintes resultados:

(I) em hiatos formados por vogais com idêntica estrutura em partículas, dava-se a fusão, da qual tinha origem (a) uma vogal breve com configuração igual à de um só dos segmentos em contacto; ou (b) uma vogal longa, um grau mais aberta do que aquelas que lhe tinham dado origem.

Ex:	(a)	diabo-o	>	diabo	(b)	męçzinha	>	męzinha
		au+au	>	au		ai+ai	>	a ai
		ve-er	>	ver		caaveira	>	cavcira
		ai+ai	>	ai		a+a	>	aa
		vi-ir	>	vir				
		i+i	>	i				

(II) em hiatos formados por vogais qualitativamente diferentes, duas possibilidades de resolução apresentavam-se: (a) por fusão, precedida de assimilação, caso essa última não implicasse violação da lei de abertura máxima, tendo como resultado vogais um grau mais abertas; ou (b) por ditongação, caso o aumento do número de partículas de abertura acarretasse infringir a referida lei de abertura máxima.

Ex:	(a)	sa-ęta	>	sęęta	>	sęta
		a+ai	>	aai+aai	>	aai

Fonologia das partículas: um modelo em duas versões

mo-a	>	moo	>	mo
au+a	>	aa <u>u</u> +aa <u>u</u>	>	aa <u>u</u>
(b) cru <u>e</u> - <u>e</u> s	>	cru <u>e</u> es (hoje "cru <u>e</u> is")		
aa <u>i</u> +aa <u>i</u>	>	aa <u>i</u> <u>i</u>		
ce <u>e</u> - <u>o</u>	>	ce <u>e</u> o (hoje "c <u>e</u> u")		
aa <u>i</u> +a <u>u</u>	>	aa <u>i</u> <u>u</u>		

Dois questões, contudo, vedem ser ressaltadas:

(i) qualquer que fosse solução escolhida para resolver os hiatos – fusão ou ditongação – ela teria necessariamente repercussão no tocante à sílaba, pois além de exigirem eliminação do marcador de fronteira silábica, os casos de ditongação afectam também o valor de um dos segmentos, que se torna assilábico. O recurso notacional para reflectir os fenómenos acima consistia exclusivamente em eliminar o divisor silábico (+) e acrescentar o sinal abaixo do segmento assilábico.

(ii) descrições do sistema vocálico do português à época apontam que as vogais resultantes de contração eram, por vezes, mais abertas e, provavelmente, mais longas do que aquelas não provenientes de contração, criando-se, eventualmente, oposições fonológicas. A quantidade vocálica no entanto, seria expressa pela repetição da partícula da abertura, o que teria função bivalente, pois corresponderia também a um maior grau de abertura. Isso tornaria a quantidade e a abertura medidas dependentes no português, por qualquer notação que ultrapassasse duas partículas a para o mesmo segmento vocálico contrariaria a lei de abertura máxima.

Embora parecesse satisfatória a proposta então formulada por Schane em face dos dados do português, levantei a questão quanto ao modo pelo qual o modelo poderia dar conta dos "elementos não segmentais que (poderiam) actuar como factores condicionantes de determinadas mudanças".

3. A "Segunda versão"

3.1. Reexaminando, agora, os mesmos dados à luz da proposta reformulada por Schane ("segunda versão"), em que a quantidade dos segmentos passa a ser indicada em uma camada CV, acima daquela que contém as informações qualitativas, mas hierarquicamente abaixo da camada silábica, verifiquei ser possível traduzir os processos constatados no *corpus* de modo a realmente "espelhá-los", bem como a atingir melhor sistematização dos mesmos.

3.2. Podemos dividir os hiatos que caracterizavam o galego português em dois grandes grupos:

a) aqueles formados por dois segmentos vocálicos qualitativamente idênticos (i. e., com a mesma estrutura em partículas na camada segmental);
e

b) aqueles em que os segmentos vocálicos contíguos apresentavam diferente estrutura em partículas.

Esses últimos (b) passaram por dois processos: ditongação ou assimilação. Identifica-se a assimilação se só a qualidade dos segmentos vocálicos entra em jogo, passando pelo que Schane denomina "*cloning*" (i. e., cópia de partículas entre vogais, em nossos dados, vizinhas).

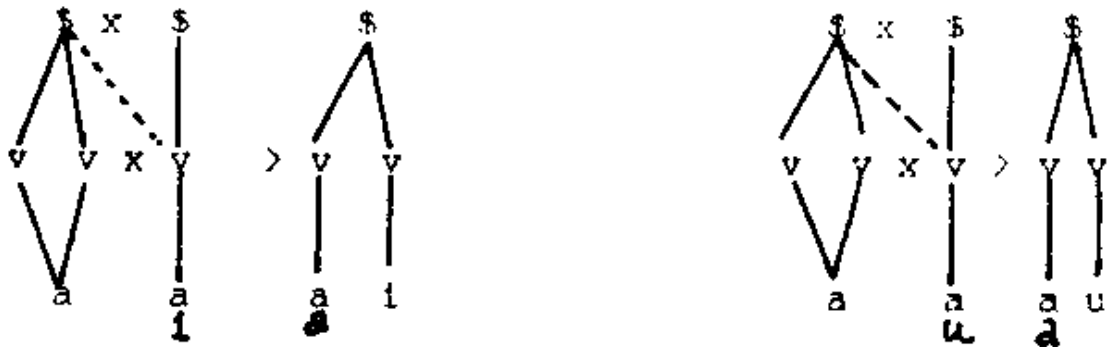
Ex:	pe-ago	>	peçgo	ma-estre	>	meestre
	ai+a	>	aai+aai	a+ai	>	aai+aai

A esse "*cross-cloning*" seguia-se, no *corpus* seleccionado, uma fusão.

Ocorre, por outro lado, ditongação se alguma restrição impede a fusão, como, no exemplo abaixo, a lei de abertura máxima e a contagem de moras.

Fonologia das partículas: um modelo em duas versões

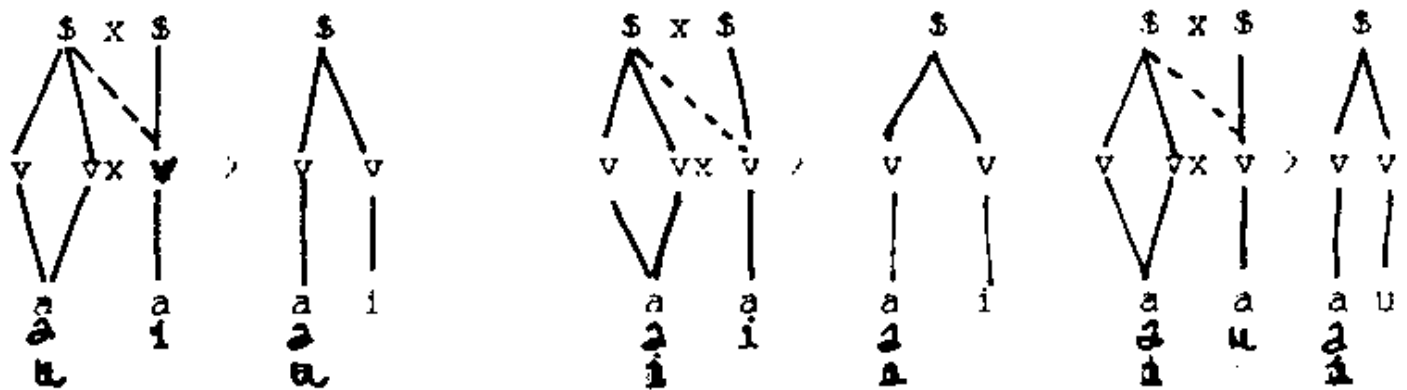
Ex: sina-es > sinaes ma-o > mao



Note-se que, nos exemplos acima, ao reduzir-se o número de sílabas, outra redução ocorre na camada quantitativa e a partícula de abertura gravita para o segmento à esquerda, deixando à direita apenas a partícula de tonalidade fonte do *glide* assim formado.

Já nos exemplos seguintes:

so-os > soes crue-es > cruees ce-o > ceo

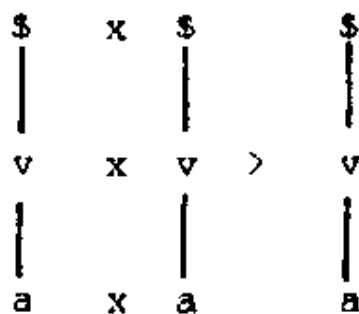


não há gravitação da partícula a que é eliminada, dado que (i) violaria a lei de abertura máxima do português, caso passasse a integrar o segmento à esquerda e (ii) sendo o elemento à direita assilábico, não pode o mesmo conter nenhuma partícula de abertura no português.

Quanto aos hiatos formados por duas vogais idênticas [(a), ou tornadas idênticas] por um processo assimilatório como o que acabei de mencionar, tiveram resolução mediante um mecanismo de fusão, da seguinte forma:

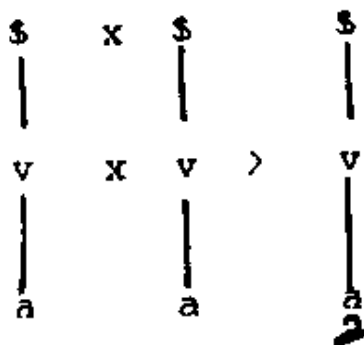
(I) posição postônica

Braga-a > Braga



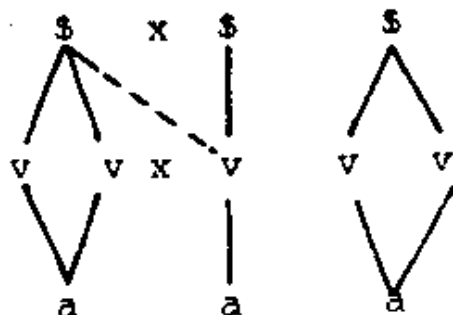
(II) posição pretônica

paadeiro > padeiro



(III) posição tônica

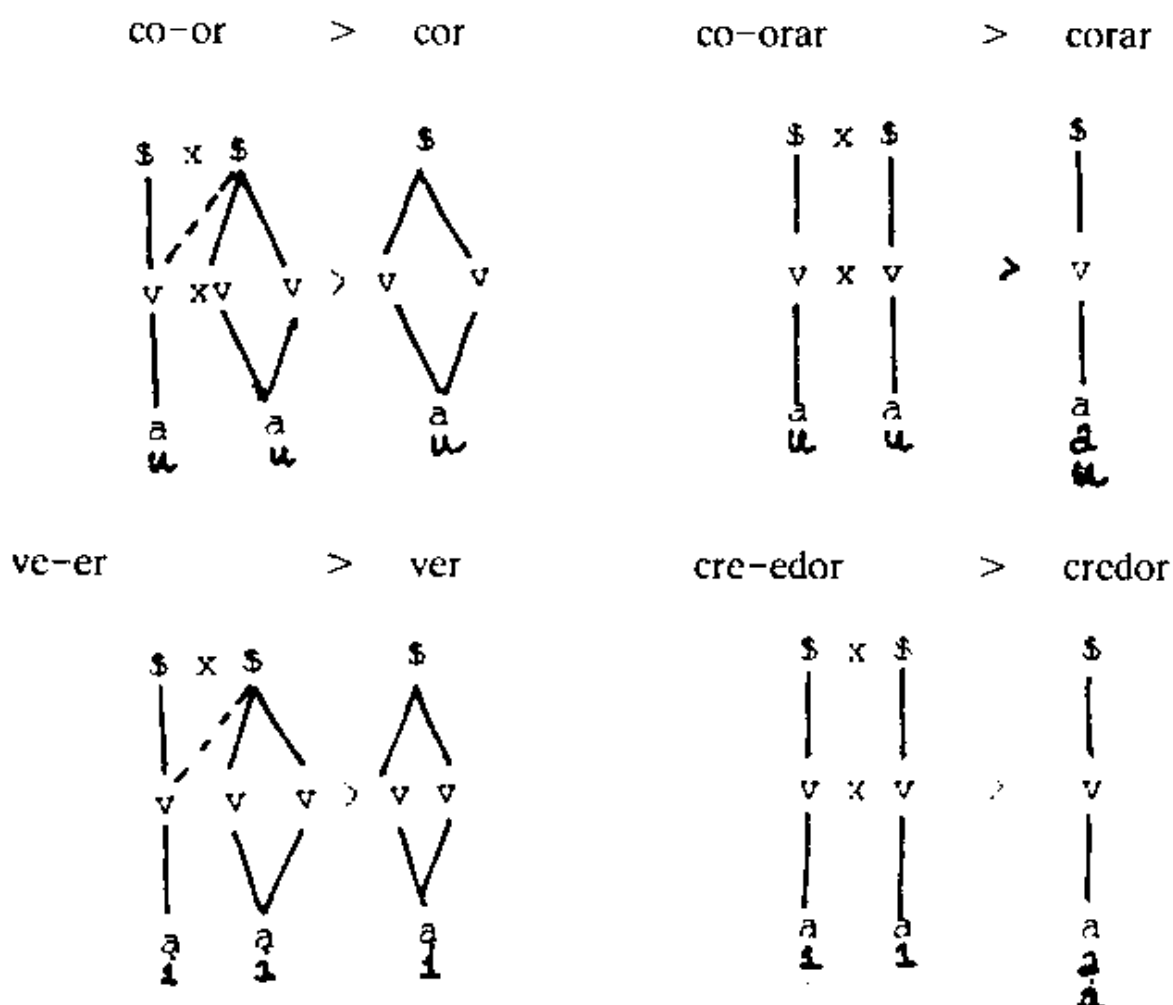
paaço > paço



Fonologia das partículas: um modelo em duas versões

Ora, a disposição, em camada distintas, das informações pertinentes à abertura (qualidade) e à duração (quantidade) das vogais permite dar uma formulação mais coerente do que antes à afirmação de que "as vogais resultantes de contração seriam mais longas e abertas" e, ao mesmo tempo, levar em conta fatores tais como a maior duração (i) das vogais átonas em relação às tónicas: e (ii) das vogais abertas em relação às fechadas. Conseqüentemente, pode-se considerar a vogal de *paadeiro* mais longa do que uma equivalente não contraída porque mais aberta; por sua vez, a vogal de *paço* será igualmente mais longa em relação a outras qualitativamente equivalentes, porque tónica.

Citemos um exemplo a mais com vogais cuja estrutura em partículas na camada segmental presente, além da partícula elementar de abertura, uma partícula de tonalidade.



A fusão traduz-se, assim, por um fechamento:

- a) nas três camadas (cf. I);
- b) na camada silábica e CV (cf. II); e
- c) apenas na camada silábica, havendo, porém, em decorrência, uma alteração na camada CV (cf. III).

No primeiro caso, o resultado será uma vogal breve com uma só partícula de abertura; no segundo, teremos uma vogal breve um grau mais aberta do que em (I); no último, o resultado será uma vogal longa.

4. Conclusão

A abordagem auto-segmental no tocante a fenómenos envolvendo duração, sílaba e abertura vocálica reflete melhor a natureza dos processos de mudança do que uma análise linear tal qual a que chamei "primeira versão". Parece, assim, a opção feita recentemente por Schane ("segunda versão") apresentar vantagens sobre a proposta anterior, porque permite lidar mais esclarecedoramente com os chamados supra-segmentais. Dentre esses últimos, mereceria atenção maior, em face de nossos dados, o acento, uma vez que a duração, bem como a redução de timbre (mudança qualitativa) de certos segmentos vocálicos, decorre de posição dos mesmos em relação ao acento. Seria interessante, portanto, retestar os dados, tendo como base teórico-analítica os princípios da teoria métrica.

BIBLIOGRAFIA

- DELGADO MARTINS, Maria Raquel. 1983. *Sept études sur la perception: accent et intonation en portugais*. Lisboa: Lab. de Fonética FLUL.

Fonologia das partículas: um modelo em duas versões

- HALLE, Morris & VERGNAUD, Jean Roger. 1980. Three Dimensional Phonology. *Journal of Linguistic Reserach*. nº 1: 1.
- HULST, Harry Van Der & SMITH, Nowal. 19—. The Framework of Nonlinear Generative Phonology. INL. Leyden & Univ. of Amsterdam.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. 1986. *História do galego português*. Coimbra: INIC.
- MACHADO, J. Pedro. 1957. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. _____ Lisboa: Confluência. 1967.
- SCHANE, Sanford. 1982. Two English Vowel Movements: A Particule Analysis. San Diego: University of California. mimeo.
- _____. 1984. The Fundamentals of Particule Phonology. Cambridge. The University Press.
- _____. 1987a. The Resolution of Hiatus. San Diego: University of California. mimeo.
- _____. 1987b. Diphthongs and Monophthongs in Early Romance. In: De CESARIS, Janet & KIRSCHNER, Karl (eds.). Symposium on Romance Linguistics (LSRL) XVII. Amsterdam: John Benjamins.
- TEYSSIER, Paul. 1980. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa. 1984.
- WILLIAMS, Edwin. 1933. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1975.